

A "contestação" das minorias

Na passada semana, os Professores da Faculdade foram surpreendidos pela visita de alguns "traidores" que se vinham apresentar como "Delegados de Curso". Invocando pretensas perseguições que lhes teriam sido novidas pelos estudantes dos respectivos cursos, tentaram atabalhoadamente explicar a sua (deles) triste situação.

Se as poucas informações que nos chegaram são boas, os traidores baseiam o pedido de reconhecimento no facto (nunca verificado) de terem sido impedidos de participar nas eleições para Delegados de Curso. Não fora a nossa "terrível ditadura" e eles teriam sido eleitos. Não fora a "manipulação política" de que os estudantes são vítimas e eles teriam feito compreender às amplas camadas de estudantes, que participaram na livre eleição dos delegados, que nós eramos (como de costume) agentes subversivos ou agitadores profissionais...

Esqueceram-se estes sicários juvenis da repressão de alguns factos que destroem por completo as suas mais que dúbidasas pretensões:

- em primeiro lugar, não pensaram na altíssima percentagem de adesões ao Luto Académico na nossa Faculdade (85%, "Bol. SIFE" de 24/7/69). Não avaliaram a implícita reprovação da sua tentativa que tal número de abstenções representa.

- em segundo lugar, esqueceram-se do lamentável papel que desempenharam na jornada de 28 de Novembro em que, de matraca na mão, espcncaram, sob protecção policial, estudantes que protestavam contra o vergenhoso espectáculo da pretensa "imposição de insígnias".

- em terceiro lugar, tentam desesperadamente ignorar que muitos furadores do Luto compareceram nas reuniões que já se efectuaram sem que da parte dos estudantes houvesse qualquer reacção hostil.

- em quarto lugar, não se lembram dos odiosos panfletos que, com a colaboração das forças repressivas e a ajuda de certos funcionários universitários (bem conhecidos dos estudantes) escreveram e, sorrteiramente, espalharam por ruas e praças da cidade. O anonimato a que, por prudência, se remetiam nestes torpes manejos só foi quebrado uma vez, quando em rancho inquieto foram à sede da Polícia Judiciária denunciar estudantes, pedir a prisão de colegas que, antes, compartilhavam com eles os bancos da Faculdade.

- por último, não cuidaram de avaliar a indignação que uma atitude tão inábil poderia provocar entre os Professores da nossa Faculdade que, com raríssimas excepções, se mostraram firmes ao lado dos estudantes.

A verdade é que a falta de camaradagem não raro é sinónimo de pouca inteligência, de baixeza de processos e de cobardia na acção. Efectivamente, uma vez organizados, ter-lhes-ia bastado, de combinação com a polícia (até há pouco visitante assídua de Faculdade), convocar uma qualquer reunião de estudantes para se apresentarem a eles, para de qualquer modo se autenticarem como representantes duma fracção estudantil. Mas o desprezo pelas massas é regra de conduta desta sub-gente, nascida no berço de ouro dos privilegiados, à sombra dos favores de um poder que teima em perpetuar-se.

Mas, perguntar-se-á: porquê agora? A resposta a este ponto não é difícil de equacionar. Há que analisar o actual momento académico, as substituições verificadas nos quadros dirigentes da Universidade e as possibilidades de actuação que se oferecem aos estudantes, que conseguiram ultrapassar o desánimo momentâneo de Novembro, que souberam reorganizar-se e evitar o refluxo que sempre seguiu as situações de crise que o movimento estudantil conheceu.